

Crítica // June e John ★★★

DIAMOND FILMS



# DIVERTIDA VIDA IRREAL

Uma existência bem turbulenta é protagonizada por John

Road movie, rodado em celular durante a pandemia, narra a história de amor entre dois perdedores sob a ótica de Luc Besson

Ricardo Daehn

Com uma estética que lembra a do longa *Barbie*, o novo filme de Luc Besson segue o empoderamento que ele sempre deu às personagens femininas, como se viu em títulos como *Nikita: criada para matar* (1990), *Lucy* (2014) e *Joana D'Arc* (1999). O novo registro vem com muita carga cômica. Várias são as garotas que povoam o imaginário do protagonista John (um empático Luke Stanton Eddy) que recebe sistemáticos telefonemas da mãe e planeja alguma mudança mirabolante no anêmico cotidiano. Na base de desesperadora repetição e metido em encencas pessoais de um perdedor por excelência, John verá uma mudança

DIAMOND FILMS



June e John: fantasia pura e risadas

de destino, num roteiro a cargo de Besson bastante aparentado das maluquices do clássico *Depois de horas* (1985), de Martin Scorsese.

Trabalhador aplicado de uma instituição financeira, John tem rotina sem um quinhão de vida pessoal, até que brota o encontro com a luminosa June (Matilda Price). Pouco antes, na firma, desponta o ciclo de interesse feminino pelo apelidado "bandidão do terceiro andar". Isso, porque, num

relacionamento perturbador, John teria reagido, com violência, à perseguição corriqueira do supervisor de segurança Melvin (Miles Cranford, em personagem altamente irritante). Meticuloso, John vê o mundo escapar das mãos, depois de fulminante primeiro encontro com June, de quem se vê separado por um vidro do metrô. Nada polida, desordeira e chamativa, June ganha uma interpretação estridente da estonteante Matilda Price. Caprichosa

e enervante, ela quer fazer valer a conquista de desejos repassados para um "gênio da lâmpada" que diz ter encontrado.

O filme romântico de Besson ficou ambientado na pandemia, mas parece renegar isso, depositando toda a emoção nos pequenos ou inconcebíveis gestos do casal. Ok, agem como se não houvesse amanhã... mas descolados do contexto das filmagens em que algumas pessoas ostentam as indefectíveis máscaras.

Invasão de casas vazias, John e June vivem como numa redoma que protege a moça de encarar a carga de melancolia que ela mesma cultiva. Mas há muita energia em June, que abraça causas com a mesma disposição com que, durante pausas, interage, inconsciente, aos abraços, com árvores, em busca de energia cósmica.

Em alta voltagem, a dupla do filme avança numa produção com estética moderna e que mergulha fundo na ilusão do amor eterno com direito à cena de liberdade, na estrada, bem ao estilo de *Thelma e Louise*. Entretanto, o que Besson oferece é um filme básico, bem na média de consumo dos casais. Superando *Anora* na beleza, a maluquete June assenta uma realidade fantasiosa, movida a dinheiro roubado, que vem embutida numa metáfora bem óbvia. Com um humor leve, em que ecoa o do juvenil John Hughes (*Curtindo a vida adoidado*), o filme tem uma hilária cena com Claire Montgomery (que vive a dona da mansão).